

GILBERTO: LUSO TROPICOLOGIA E OCIDENTALIZAÇÃO

Manuel Correia de ANDRADE

1- INTRODUÇÃO

O título do livro **Um Brasileiro em Terras Portuguesas** demonstra que, embora ele apresente uma unidade quanto aos fins a que se destinou, não apresenta uma certa unidade temática e metodológica; ele está muito ligado a um outro livro, "Aventura e Rotina, Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação". Os dois resultaram da viagem de Gilberto Freyre a Portugal e suas colônias, a convite do governo português, de agosto de 1951 a fevereiro de 1952.

A viagem era da maior importância para o Sociólogo, de vez que lhe daria a oportunidade de voltar a Portugal e de conhecer as terras colonizadas e dominadas pelos portugueses, durante cinco séculos, possibilitando-lhe ainda observar e refletir sobre o resultado da ação dos colonizadores portugueses nos países e os povos que dominavam ou dominaram e da forma como estes povos reagiram à influência lusa, modificando-a ou formando novas nacionalidades.

Somos daqueles que, ao analisar o processo de colonização, iniciado pelos portugueses e seguido por outros povos europeus, desde o século XV, admitem não ter havido descobertas, mas invasões, salvo em casos excepcionais como o da ilha da Madeira e do arquipélago de Cabo Verde, que eram desabitadas antes da chegada dos colonizadores; consideramos, porém, uma invasão quando ela é feita em territórios que já eram ocupados por povos desconhecidos ou pouco conhecidos, que lutaram, foram derrotados e tiveram que se submeter a um processo de transformação tanto étnica quanto cultural.

O livro, cuja leitura necessita ser complementada por outra, **Aventura e Rotina**, é formado por um Prefácio, por uma longa Introdução - da pág 17 à 124-, por quatro conferências, duas sobre o luso-tropicalismo, uma sobre a Índia, mais especificamente sobre a personalidade de Gandhi, e uma última sobre o seu mestre e amigo Oliveira Lima.

Uma terceira parte é formada por uma série de discursos feitos em Lisboa, na Índia e na África, em associações e sociedades que arregimentam pessoas, direta ou indiretamente ligadas à administração pública e à vida intelectual; de um longo texto de agradecimento aos que o acompanharam ou o auxiliaram durante a viagem: e, finalmente, uma longa parte de Apensos, formada por discursos de saudação a Gilberto Freyre, incluindo um do escritor Hernani Cidade, e ainda uma série de artigos e notícias de imprensa referentes à obra e às idéias do mestre de Apipucos, um deles, muito bem elaborado e marcante, do grande geógrafo português, Orlando Ribeiro, e outro de um jornalista, Antônio Simões Júnior, publicado no "De Ressurge, Goa", de Bombaim, a 15 de agosto de 1952, este profundamente contrário ao pensamento e à ação, chegando a ser até agressivo ao sociólogo brasileiro.

Foi uma viagem muito polêmica, tendo sido motivada não só pela contribuição que Gilberto Freyre deu, em sua obra, ao estudo e à análise da colonização portuguesa no Brasil, como à sua atuação na Assembléia Constituinte de 1946, no Brasil, em favor da concessão de cidadania brasileira aos imigrantes portugueses radicados no nosso país; era também a ocasião para intensificar os estudos sobre a ação portuguesa na África e na Ásia, visando uma aproximação maior dos povos que falavam a mesma língua.

Ela já foi objeto, inclusive, de debates e contestações, mas não se pode erguer um muro entre os que emitiram opiniões pró e contra, ligando-os apenas a posições ideológicas. Neste mesmo período, Gilberto Freyre foi convidado para ir à Índia, pelo governo de Nehru, profundamente anti-colonialista, e que, em 1961, invadiu Goa e a anexou; o governo da União Soviética, já em plena Guerra Fria, também o convidou para que analisasse as características de uma união que primava pela plurinacionalidade. Este convite lhe foi transmitido pelo seu velho amigo, o romancista Jorge Amado, um dos líderes do Partido Comunista do Brasil. Nestes dois convites, como no anterior, de Portugal, não havia

qualquer vinculação do sociólogo brasileiro a nenhum compromisso de ordem política ou cultural.

Convites deste tipo eram muito prazerosos a Gilberto Freyre, que sempre procurou manter uma forte independência ideológica, fazendo referências elogiosas a pensadores das mais diversas posições, desde Karl Marx até Charles Maurras e Antônio Sardinha.

2 - A VIAGEM E SEUS FRUTOS INTELECTUAIS

Não podemos analisar a viagem em si, que é objeto de outra Mesa Redonda, mas sim a produção cultural da mesma, em três assuntos básicos: o luso-tropicalismo, a posição de Gandhi na Índia moderna e a análise do pensamento e da ação de Oliveira Lima.

Quanto à luso-tropicologia, Gilberto, na longa Introdução e nas duas conferências lidas, a primeira em Goa e a segunda na sala dos Capelos, da Universidade de Coimbra, procura desenvolver e consolidar conceitos que adotou desde a juventude, principalmente a partir do seu ensaio, *Casa Grande & Senzala*, de 1933.

Neste ensaio, que é um verdadeiro marco na renovação dos estudos sociais no Brasil, ele procurou demonstrar que a colonização portuguesa nos países tropicais, teria levado vantagens sobre a de outros povos europeus, devido a uma série de fatores: o português não seria propriamente um europeu, mas já um povo mestiço, devido à dominação árabe sobre a península Ibérica, por vários séculos, e os contatos permanentes que os portugueses tinham com a África do Norte, tanto com árabes como com judeus; as condições climáticas da península Ibérica eram subtropicais, o que facilitava ao português melhor adaptação às condições climáticas tropicais; pelo fato de não apresentar uma certa pureza racial, os portugueses não concentraram o seu ideal de conquista no ponto de vista etnocêntrico, racial, mas no cristocêntrico, religioso. Assim, achavam que lutavam pela fé, contra o infiel, mais do que pela raça e pelas riquezas.

Portugal era um país pequeno e pobre, cuja economia se baseava, inicialmente, na agricultura, segundo João Lúcio de Azevedo, ou na produção de sal e na pesca, segundo Antônio Sérgio, tinha na

expansão além-mar uma saída para o seu crescimento econômico. O caminho das Índias e o cobiçado comércio das especiarias o impulsionaram na aventura da conquista colonial.

Como um povo apenas parcialmente europeu, afirmativa que desagradou a vários setores da intelectualidade portuguesa, e assimilando um pouco a idéia de Henri Pirenne de que a Europa terminava nos Pirineus, teria o português habilitações maiores à aventura colonial do que os nórdicos, que eram mais brancos, mais rigorosos em seus hábitos e costumes, mais rígidos na sua religiosidade de reformados e mais racionais nas suas ações. Mas, nem sempre o racional se apresenta mais eficiente do que a improvisação.

Com estas qualidades e defeitos, para alguns, os portugueses desenvolveram uma ação náutica, de descobrimento de novas terras, militar, de conquista destas terras e de aprisionamento de escravos negros, e comercial, de busca de produtos minerais, ouro, sobretudo, e vegetais, como a malagueta, a pimenta, a canela, o cravo etc. chegaram mesmo, no século XV, a possuir uma expressiva população negra, escrava, em território português.

Em sua expansão territorial os portugueses, que geralmente emigravam desacompanhados de suas mulheres, logo se familiarizaram com as mulheres nativas, dando margem à formação de uma intensa miscigenação, povoando suas colônias com mulatos e caboclos que iam se unir aos pais na saga da conquista e da colonização. Na interpretação do Brasil, Gilberto Freyre foi um forte defensor do processo de miscigenação porque ele provocava a intensificação do povoamento, ao mesmo tempo em que dava ao mestiço uma maior capacidade de adaptação ao meio tropical. Na convivência com negras e índias também havia uma troca de hábitos que se interpenetravam a costumes os mais diversos. Assim, esta miscigenação era responsável não só pela "morenização" da população, como pela difusão de alimentos até então considerados exóticos, como a mandioca, o milho, o caju, a manga, a banana, o frutapão, os condimentos e as carnes dos animais ditos de caça; era responsável também pela expansão de animais domésticos da Europa nos países coloniais, como o búfalo, o zebu e a galinha de Guiné ou de Angola, como de animais dos países coloniais na Europa.

A expansão de culturas diversas, como os coqueirais, os canaviais e os algodoais, também transformou e redesenhou a paisagem. O algodão, com a fiação e tecelagem provocou uma revolução expressiva nos hábitos de vestimenta e de higiene na sociedade européia (FREYRE, 1951). Com o seu luso-tropicalismo, Gilberto Freyre fugiu à preocupação de outros estudiosos que se fixavam mais no processo de branqueamento da população brasileira, como Joaquim Nabuco, que se opôs até à introdução de coolies no Brasil, temendo a perpetuação de uma escravidão disfarçada mas temendo também o processo de "mongolização" da nossa população, e dos que aspiravam a um branqueamento do brasileiro, através da miscigenação, por considerar que o branco, mais numeroso, iria absorver e dominar, por ser uma raça mais forte, no conjunto da população brasileira, como dizia Oliveira Vianna.

Desse modo, o português, com sua ação como conquistador de terras, criava uma economia moderna, mantendo uma certa confraternização com os povos dominados e, ao mesmo tempo, mesclava a população, através de sua ação sexual. É interessante salientar que os portugueses, em sua expansão, ora combateram os árabes, os muçulmanos, ora colaboraram com eles, desenvolvendo relações comerciais e obtendo informações e apoio em suas navegações. Assim, pilotos árabes da África Oriental auxiliaram navios portugueses a chegar à Índia, enfrentando os mares traiçoeiros e dominados pelas monções. Fato que não impediu que na África e na Índia continuassem as disputas entre os cristãos e os muçulmanos.

Na conferência que pronunciou na Real Sociedade Asiática de Bombaim que, até certo ponto, se centralizou em torno da figura mítica de Gandhi, ele fez uma série de considerações da maior importância para a compreensão do seu pensamento e de suas posições; fez elogios a Nehru, até certo ponto o continuador de Gandhi, e já então líder do movimento do Terceiro Mundo, neutralista, e chama a atenção para certos fatos, como o da necessidade de não se encarar o mundo como se fosse uma unidade, sob a batuta do Ocidente, e que, nas conferências internacionais e nas determinações político-filosóficas, os sábios orientais deviam participar também. Até certo ponto, criticou a UNESCO pelo seu ocidentalismo e chamou a atenção para se evitar a tentativa de mundialização das idéias e dos sistemas, como o Positivismo e o Marxismo,

encarando o mundo como uma unidade de valores. Ao mesmo tempo, porém, demonstrou uma certa simpatia ou, pelo menos, tolerância para a análise de experiências, como a do marxismo chinês e o socialismo liberal indiano. China e Índia seriam dois polos emergentes para o século XXI.

Chamou atenção ainda para o fato da Índia, como o Brasil, país de dimensões continentais, ser formado por culturas diversas que ora se confrontavam e ora se harmonizavam. O que ele chama de "identidade dos contrários", que, na Índia, é expressa sobretudo na rivalidade entre hindus e muçulmanos. Rivalidade que deu margem à divisão do país, inicialmente, em dois estados a União Indiana e o Paquistão; este, posteriormente, se dividiria com a separação de Bengala, embora, do ponto de vista religioso, se identificasse com o Paquistão. Vê-se, assim, que não há uma questão única a dividir e a unir nações, mas uma conjugação de fatores: geográficos, étnicos, culturais, etc. Além desta divisão, também se observa na Índia o problema das castas e da conseqüente situação dos "intocáveis", que continuam socialmente intocáveis, apesar da extinção das restrições legais. Em sua estada em Goa ele observou o tratamento dado a brâmanes cristãos, como brâmanos, mesmo em território da Índia Portuguesa. Ainda fez a apologia de Gandhi, o grande libertador da Índia que marcou muito a luta pela independência, mas não teve forças para evitar a secessão.

Convém salientar que apesar de sua simpatia pela experiência indiana, Gilberto Freyre mantinha grande compromisso psicológico com a Índia Portuguesa e se decepcionaria consideravelmente ao ver a anexação da mesma à União Indiana, por um ato de força. Anexação que era inevitável, de uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, como ocorreu agora, em 1999, com a volta de Macau, de forma espontânea, à China.

Muito interessante é a sua conferência sobre Oliveira Lima, o historiador brasileiro que fez a reabilitação de d. João VI, como rei e político. Analisando o trabalho do seu mestre, Gilberto Freyre compara o gordo rei português, nas lutas pela independência dos países latino-americanos, a Bolívar, o herói da América Espanhola, dizendo que d. João VI teria sido um Sancho Pança, enquanto Bolívar teria sido um d. Quixote. E conclui que o nosso Sancho Pança contribuiu para manter a unidade da América Portuguesa, após a independência, enquanto o d. Quixote não conseguiu manter a unidade da América Espanhola.

Neste livro, fragmentado quanto à sua estrutura e quanto à temática, observa-se que Gilberto Freyre, o genial reformador dos estudos sociais no Brasil, foi sempre um homem de formação dialética que pugnava pela conciliação dos contrários e pela tese de que cada ação provoca uma reação, e do choque de uma e outra resulta uma síntese. Em alguns momentos era sereno e fleumático e em outros era peremptório e afirmativo, indo até quase à agressividade; que conciliava o internacional com o nacional, o regional e o local, sendo, ao mesmo tempo, um homem do mundo e um cidadão de Apipucos; que desfazia conceitos estabelecidos e criava caminhos a novas investigações e a novas conclusões. Era um eclético, como Sartre, outro gênio do século XX, que sabia conciliar e opor, a um só tempo, "o ser e o não ser".

3 - ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O livro, **Um Brasileiro em Terras Portuguesas**, é de grande importância para o estudo do pensamento gilbertiano, embora deva estar sempre acoplado à leitura do **Aventura e Rotina**, e não tenha a projeção de **Casa Grande & Senzala**, **Sobrados e Mocambos**, **Ordem e Progresso** e, porque não, de **Nordeste**. A sua importância deriva da abertura para reflexões sobre a verdadeira essência da luso-tropicologia, da necessidade de ampliação do conhecimento luso-tropicológico ao de outras tropicologias, da necessidade de reflexão sobre a problemática dos grandes países pluri-nacionais tropicais, do contato com confronto e conciliação entre religiões e culturas diferentes, assim como da solução de problemas do sub-desenvolvimento em países com grandes distâncias sociais, com grande número de excluídos, como o Brasil e a Índia.

O intercâmbio de idéias e a abolição dos preconceitos culturais e ideológicos são fundamentais para o debate das idéias e a construção da paz mundial, para uma mundialização cultural sem globalização financeira e concentradora.